

As palavras suspensas na espera de um acontecimento¹

Carlos Pimenta



Moderato Cantabile, 1996. © Margarida Dias

1. O meu encontro com *Moderato Cantabile* surgiu, por mero acaso, num alfarrabista lisboeta. Conhecia outras obras de Duras, desde o poderoso *Uma Barragem contra o Pacífico* ao teatral *Agatha*, passando por *O Amante*, *Os Cavalos de Tarquínia* ou *Olhos Azuis Cabelo Preto*. Mas, nunca tinha prestado atenção a *Moderato Cantabile*.

Talvez no escaparate do alfarrabista tenha sido atraído pelo tamanho livro – tenho uma tendência inexplicada para gostar de livros demasiado grandes ou demasiado

pequenos – ou pela sua capa a dois tons cromaticamente não muito vulgares. Seja qual tenha sido a razão que me levou a pegar no livro o que é certo é que logo fiquei fascinado por aquilo que li e também, porque não dizê-lo, pelas pequenas páginas amareladas que exalavam um cheiro a tempo, que sempre me fascinou.²

Passado este encontro mais ou menos romântico – e a bem dizer mais sobre a forma do que sobre o conteúdo - havia que ver a que nos levariam aquelas falas iniciais da professora de piano que me haviam intrigado. Que raio! Não é costume começar assim um livro!

Intrigado, não me foi necessário pouco mais de uma hora para virar a última página, ficar a olhar demoradamente para a contracapa e perder o pensamento naquilo que tinha ficado para trás. A menina Giraud, Chauvin, a criança, a Sra. Desbaresdes, a Patroa, tinham-se tornado parte da minha memória e insinuavam-se numa familiaridade estranha.

Passada a fase da contemplação, o meu primeiro pensamento foi, talvez por contraste, bastante pragmático. Mas, que grande filme que isto dava! Fiquei a saber, mais tarde, que já tinha sido feito e por alguém que muito admirava. Não me via a fazer o percurso inverso de Peter Brook e, por isso, decidi adaptar *Moderato Cantabile* ao teatro.

Adquirido o original – descoberto com sorte num outro alfarrabista, que isto da *internet* ainda dava os primeiros passos –, aproveitei parte das férias para fazer nova tradução e esboçar uma versão teatral. E começaram os problemas! Se era clara a adequação da novela ao cinema, era menos evidente a sua passagem para a cena. As longas sequências descritivas não se revelavam exequíveis no teatro. Havia que "inventar" um narrador que fizesse o papel da sequência de imagens. Mas, à medida que ia avançando – cheio de incertezas – começava, paulatinamente, a ver as personagens, lugares, tempos, ambientes, naquilo que se afirmava como a linguagem própria do teatro.

Contudo, não sendo especialista em Duras, havia que impor a mim próprio um limite antes que a “coisa” se tornasse demasiado vulgar.

No meio de uma conversa com Ernesto Sampaio lá o terei convencido a fazer a tradução e adaptação. E, finalmente, a minha cabeça descansou. Quem melhor que o Ernesto para trabalhar a Duras? E quem melhor do que o Ernesto para convencer a

Fernanda Alves a fazer o papel da Patroa? E quem melhor para trabalhar com ela do que a Mónica Calle e o Rogério Samora?

Resolvidas de uma assentada uma série de inquietações, era necessário passar os entusiasmos, ideias e expectativas, para o palco.

Vamos, por isso, a coisas práticas! Para que o espectáculo aconteça é preciso que alguém o produza. Assim, foi apresentada a proposta a Carlos Avillez (na altura director do Teatro Nacional D. Maria II) que imediatamente a aceitou. Nova etapa: data marcada, equipa definida... não há como voltar atrás.

De repente – e foi mesmo de repente – lembrei-me que *Moderato Cantabile* não era uma peça de teatro. Na nossa cabeça era-o – e na embriaguez do nosso entusiasmo – mas não o era na cabeça da Duras. Estreia marcada e nós sem nenhum papel que nos garantisse que a mesma aconteceria dentro da “legalidade”.

Aflitos – claro, a situação não era para menos – telefonámos a Eduardo Prado Coelho, na altura Adido Cultural da Embaixada de Portugal em França e amigo de Duras e de Yann Andréa. Colocámos-lhe o problema e ele prontificou-se a ajudar.³

Finalmente, algumas semanas depois de termos enviado a tradução e adaptação de Ernesto Sampaio, veio a comunicação final: a Duras não se opunha à realização do espectáculo e, segundo nota lateral, teria até gostado muito do trabalho efectuado.⁴

Passado este primeiro, e decisivo, percalço, continuámos, bem mais aliviados.



Mónica Calle e Rogério Samora em *Moderato Cantabile*. © Margarida Dias

2. Para mim, enquanto encenador, é fundamental, primeiro que tudo, a definição do espaço onde o “jogo” se vai desenrolar. Assim, as conversas com Nuno Carinhas previam-se demoradas. Surpreendentemente tal não aconteceu. Ambos estávamos dispostos a arriscar e, contra algumas opiniões de natureza técnica e estética, decidimos fazer não um espectáculo de teatro mas sim um “espectáculo de cinema”. Explico: a adequação do texto à linguagem cinematográfica foi-me logo evidente. Por que não apresentar então o espectáculo nas mesmas condições de apresentação de um filme, ou seja, som amplificado, separação clara entre palco e plateia acentuando a “virtualidade” dos actores, realçando, também, a lógica narrativa do “argumento”, em vez da “peça teatral”?

Posto isto, chegámos a um espaço ideal: um enorme janelão de um café em que o vidro, separando actores e espectadores, sugeria, também, a bidimensionalidade do ecrã. Apesar das contingências técnicas com que nos deparámos, a solução era inegociável.

Decorriam entretanto com Rodrigo Leão e Paulo Abelho diversas sessões nocturnas com vista à definição da música original e à criação da banda sonora. Se, no caso da música estávamos relativamente descansados, no caso da banda sonora a situação era bem mais trabalhosa. E “trabalhoso” era mesmo o termo que se aplicava: tratava-se de fazer uma banda sonora que acompanhasse toda a duração do espectáculo (cerca de uma hora) e que estivesse em sintonia com o ambiente de cada cena. Isto exigiu um imenso trabalho de estúdio que se prolongou até bem perto da estreia.⁵

Os ensaios com os actores decorriam com as habituais incertezas, alegrias, conflitos e cumplicidades, além de coisas mais prosaicas como encontrar algo que substituísse os quase dois litros de groselha que faziam a vez do vinho que a Mónica (em rigor Anne Desbaresdes) tinha que beber durante o espectáculo, e que não a enjoasse. O segredo é... sumo concentrado de mirtilo! Fizemos, também, a experiência com vinho verdadeiro... mas isso não se pode mesmo contar!

Foram, apesar das dificuldades em que nos colocámos, dois meses de puro prazer. Ver nascer uma intensa cumplicidade entre a Mónica e o Rogério e poder trabalhar com a Fernanda, era um privilégio que aproveitávamos na consciência da sua transitoriedade.

Finalmente a estreia. Aquilo que tinha começado no acaso de uma deambulação pelos alfarrabistas lisboetas saiu do papel amarelado que tanto me seduziu e materializou-se em corpos, vozes, silêncios, e, mais que tudo, terá feito com que se produzissem outros “acazos” no público que assistiu e que, por via do espectáculo, se encontrou com Duras.

Daí para cá, pelo meu lado, permaneci um incondicional da obra de Duras. O seu “não dito” terá marcado muitos dos meus posteriores espectáculos.

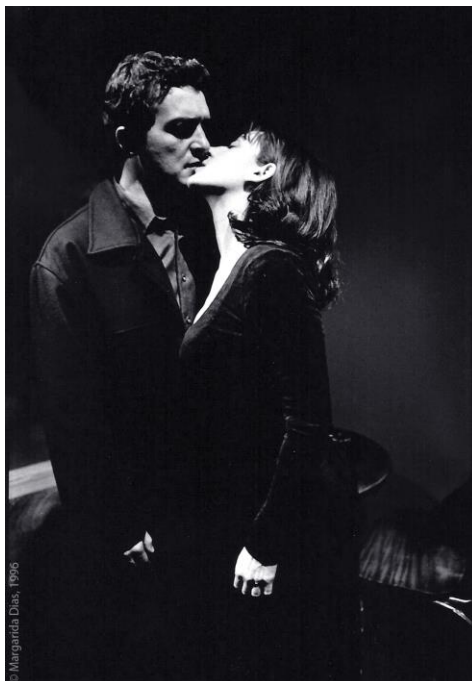


Rogério Samora (de costas) e Mónica Calle em *Moderato Cantabile*. © Margarida Dias

3. Um ano depois fizemos no Institut Franco-Portugais, em Lisboa, uma pequena rememoração do projecto *Moderato Cantabile*. Foi apresentada uma exposição fotográfica sobre o espectáculo - com fotografias de Margarida Dias - e exibido o filme de Peter Brook. Foi a primeira vez que o vi, dado que só então tinha sido “libertado” para visionamento público. A sensação com que fiquei era a de que, de certo modo, também fazíamos parte daquela história. Conhecíamos o cheiro daqueles locais, a temperatura daqueles dias, protegemos Anne na sua “traição”, tomámos conta do seu filho, trocámos olhares cúmplices com a Patroa, ouvimos os gritos na cena do crime, sentimos a brisa do mar e a rudeza nos corpos dos operários.

Escreveu Ernesto Sampaio, em 1996, no programa do espectáculo “(...) do mesmo modo que a luz muito viva deixa nos olhos um traço de fogo, Marguerite Duras deixa no espírito um surdo rasto de fósforo a arder”. Comprovámos, um ano depois, que qualquer coisa nos tinha atravessado o espírito.

Comprovamos, hoje, que esse “surdo rasto” existe mesmo.



Rogério Samora e Mónica Calle em Moderato Cantabile. © Margarida Dias

NOTAS

¹ *Moderato Cantabile* no teatro: pequena história da génese do espectáculo apresentado em 1996 no Teatro Nacional de D. Maria II.

Ficha técnica:

Moderato Cantabile

de Marguerite Duras

Tradução e versão cénica: Ernesto Sampaio

Direcção: Carlos Pimenta

Cenário: Nuno Carinhas

Música original: Rodrigo Leão

Figurinos: Marie Briet

Desenho de luz: Isabel Aboim

Desenho de som: Paulo Abelho

Voz e elocução: Luís Madureira

com Fernanda Alves, Mónica Calle, Rogério Samora, Diogo Carvalho|Filipe Narciso e João Reis (voz off)

Espectáculo estreado no Teatro Nacional de D. Maria II em 7 de Junho de 1996

² Em Marselha há uma pequena livraria chamada *L'Air du Temps*: que melhor nome se pode dar a uma livraria?!

³ Estou hoje convencido que, sem a ajuda de Eduardo Prado Coelho, o espectáculo não se teria realizado.

⁴ A autorização foi dada em 1995. Terá sido uma das raríssimas vezes em que uma obra de Marguerite Duras foi adaptada ao teatro sem que tenha sido a autora a fazê-lo.

⁵ Durante muito tempo, preocupados com a música e a banda sonora “esquecemo-nos” de ouvir o tema de Diabelli, que dá título à novela. As semanas iam passando e o Rodrigo dizia-me para não me preocupar, porque não era difícil de arranjar. Finalmente, uma noite, telefonou-me a propor para o início da tarde do dia seguinte uma passagem pelo estúdio para a audição do famoso *Moderato Cantabile*. Esse dia, em que ouvimos pela primeira vez o tema, era o dia 3 de Março de 1996: o dia em que morreu Marguerite Duras.